

**Priscila Rodrigues Silvino**

**ARQUITETURA RESIDENCIAL-SOCIAL:  
Albergue Integrador para Pessoas  
em Situação de Rua**

Trabalho Final de Graduação apresentado a  
Disciplina como requisito parcial para Colação de  
Grau sob a orientação da Professora Ms Ediane  
Nadia Nogueira Paranhos Gomes dos Santos, do  
Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento  
de Arquitetura, da Universidade de Taubaté.

Taubaté - SP  
2018

**SILVINO, Priscila Rodrigues. Universidade de Taubaté. 2017**

ARQUITETURA RESIDENCIAL-SOCIAL: Albergue Integrador  
para Pessoas em Situação de Rua / Universidade de Taubaté -  
SILVINO, Priscila Rodrigues - Taubaté, SP: UNITAU, 2017.

Orientador: Prof. Ms Ediane Nadia Nogueira Paranhos  
Gomes dos Santos

Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo –  
Bacharelado) Departamento de Arquitetura, 2017.

1. Projeto Arquitetônico. 2. Moradores de Rua. 3. Arquitetura e  
Urbanismo. I. Universidade de Taubaté. II. Título.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Priscila Rodrigues Silvino

## ARQUITETURA RESIDENCIAL-SOCIAL:

### Albergue Integrador para Pessoas em Situação de Rua

Trabalho Final de Graduação apresentado a Disciplina como requisito parcial para Colação de Grau sob a orientação da Professora Ms Ediane Nadia Nogueira Paranhos Gomes dos Santos, do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura, da Universidade de Taubaté.

#### BANCA EXAMINADORA

Professores avaliadores:

---

Professora Orientadora Ms Ediane Nadia Nogueira Paranhos Gomes dos Santos

---

Professor

---

Taubaté, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## DEDICATÓRIA

À Elis e ao Rodrigo,  
Meus laços eternos,  
Que minha vida deu sentido.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente, a Professora Ms Ediane Nadia Nogueira Paranhos Gomes dos Santos, excelente orientadora, que com dedicação e paciência, orientou meus estudos com toda a atenção e carinho.

A todos os professores que com muito amor me auxiliaram nesse trajeto arquitetônico.

A todas as pessoas que me incentivaram, me auxiliaram e me compreenderam nessa árdua caminhada.

*“Os ninguém: os filhos de ninguém, os donos de  
nada.*

*Os ninguém: os nenhuns, correndo soltos, morrendo  
a vida, fodidos e mal pagos;*

*Que não são embora sejam.*

*Que não falam idiomas, falam dialetos.*

*Que não praticam religiões, praticam superstições.*

*Que não fazem arte, fazem artesanato.*

*Que não são seres humanos, são recursos humanos.*

*Que não tem cultura. Têm folclore.*

*Que não têm cara, têm braços.*

*Que não têm nome, têm número.*

*Que não parecem na história universal, aparecem  
nas páginas policiais da imprensa local.*

*Os ninguém, que custam menos do que a bala que os  
mata.*

## RESUMO

O número moradores de rua crescem ao longo dos anos, e esse assunto tem sido pouco abordado. Esta é uma realidade cotidiana, porém invisível à maioria dos olhares. Este trabalho tem como objetivo melhorar a qualidade de vida das pessoas que se encontram em situação de rua, beneficiando sua saúde física e emocional, desenvolvendo um projeto arquitetônico, com o intuito de aliar: os cuidados básicos como temos em uma residência, cuidados de vários profissionais, integração social e atividades culturais. Para isso, foram feitas pesquisas sobre o universo dessas pessoas, no âmbito social, cultural, da saúde e principalmente da arquitetura, quanto às normas, à segurança na moradia entre outros. Além disso, também foram realizadas visitas técnicas e estudos de casos, para melhor elucidar o assunto. Com isso, foi elaborado um programa de necessidades, sempre respeitando as carências desse público. Em seguida, foram desenvolvidos estudos formais, criando espaços adequados a eles, a fim de proporcionar ambientes agradáveis e estimulantes aos moradores. Como resultado, obteve-se o projeto de um albergue integrador voltado aos moradores de rua da cidade de Taubaté, todo embasado em normas, pesquisas e observações. Esses cuidados abrangem aspectos emocionais, físicos e até mesmo em relação ao ambiente em que se vive, o qual influi diretamente no aspecto comportamental das pessoas.

Palavras-chaves: 1. Projeto Arquitetônico 2. Albergue 3. Moradores de Rua

## RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura	Título da Figura	Página
Figura 1	Nos Cortiços e estalagens cariocas as expectativas de privacidade diluíam-se compartilhadas nos varais, tanques e portas abertas. (Augusto Malta, sem título, Rio de Janeiro, c. 1938) .....	21
Figura 2	Gráfico de gênero de pessoas que se encontram em situação de rua no Brasil – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População de Rua, Meta/DS, 2008 .....	21
Figura 3	Gráfico de locais onde moradores de rua dormem – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008 .....	22
Figura 4	Gráfico dos Principais Motivos dessas pessoas estarem em situação de rua no Brasil – Fonte Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008 .....	22
Figura 5	Gráfico de Motivos de Deslocamento – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008 .....	23
Figura 6	Gráfico de Quantidade de refeições que essas pessoas conseguem fazer por dia – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008 .....	27
Figura 7	Esquem para compreender a Experiência na vida do indivíduo .....	27
Figura 8	CTI, Cartão Postal da Cidade de Taubaté .....	40
Figura 9	Mapa de Uso de Solo .....	41
Figura 10	Mapa com elementos que determinaram a escolha da área .....	41
Figura 11	Trajectoria do Sol e Ventos Predominantes .....	42
Figura 12	Foto Atual do Terreno .....	42
Figura 13	Vestígios de objetos de moradores de rua ao redor do terreno escolhido	

.....	43
Figura 14 –Mulheres na Área de Convívio do projeto .....	43
Figura 15 –Área de Convívio como Partido do Projeto.....	43
Figura 16 – Materiais Locais Renováveis .....	44
Figura 17 –Planta Baixa do Projeto KWIECO.....	45
Figura 18 –Planta de Implantação do Projeto KWIECO .....	46
Figura 19 –Utilização de Materiais Locais .....	48
Figura 20 –Repetição dos Pilares Como Qualidades Espaciais.....	49
Figura 21 –Convívio Coletivo Como Foco Principal, Com Espaços Livres e Passarelas .....	52
Figura 22 –Grandes Beirais e Grande Pé Direito Respeitando o Clima do Local .....	52
Figura 23 –Quarto para Alunos .....	54
Figura 24 –Fachada Principal do Albergue The Bridge em Dallas .....	55
Figura 25 – Área de Convívio do Projeto The Bridge .....	57
Figura 26 –Módulos Dormitórios para os Moradores de Rua .....	61
Figura 27 –Fachada do Casarão da Mariquinha em Mogi das Cruzes .....	61
Figura 28 – Praça Largo Bom Jesus que fica em frente ao Casarão da Mariquinha, onde tem grande concentração de moradores de rua .....	62
Figura 29 –Quintal do Casarão da Mariquinha Onde Acontece Eventos e Cursos... ..	63
Figura 30 –Sala da Música dentro do Casarão da Mariquinha .....	64
Figura 31 –Poemas Expostos Depois de um dia de Sarau .....	64
Figura 32 –Arte Feita por Moradores de Rua nas Paredes Internas do Casarão .....	64
Figura 33 –Casarão Visto da Esquina .....	65
Figura 34 –Fachada Principal do CEAC.....	65
Figura 35 –Recepção e Atendimento do CEAC .....	66
Figura 36 –Refeitório do CEAC .....	67
Figura 37 –Área de Convívio e Dinâmicas em Grupo.....	68
Figura 38 –Lavanderia do CEAC.....	69

Figura 39 –Cozinha do CEAC .....	69
Figura 40 –Alojamento Feminino com Berço Para Mães Com Bebê .....	70
Figura 41 –Fachada da Csa Terapeutica Feinina Bom Pastor .....	72
Figura 42 –Área de Convívio Social, onde ocorre reuniões e diversas atividades ....	72
Figura 43 –Área de Convívio Coberta, Usada Como Área de Terapia e Leitura .....	73
Figura 44 –Sala de Estar da Casa, Usada para Momentos de Lazer, de Reuniões e Terapia.....	7
Figura 45 –Cozinha da Casa, Onde Ocorre Participação das Mulheres Que Estão Internadas.....	48
Figura 46 –Programa de Necessidades.. .....	49
Figura 47 –Fluxograma .....	52
Figura 48 –Organograma .....	52
Figura 49 –Foto da Maquete Fonte: O Autor.....	54
Figura 50 – Foto da Maquete Fonte: O Autor.....	55
Figura 51 – Foto da Maquete Fonte: O Autor.....	57
Figura 52 – Foto da Maquete Fonte: O Autor.....	61
Figura 53 –Planta de Situação .....	61
Figura 54 –Planta de Implantação.....	62
Figura 55 –Planta Térreo .....	63
Figura 56 –Planta Primeiro Pavimento .....	64
Figura 57 –Planta Segundo Pavimento.....	64
Figura 32 –Arte Feita por Moradores de Rua nas Paredes Internas do Casarão .....	64
Figura 33 –Casarão Visto da Esquina.....	65
Figura 34 –Fachada Principal do CEAC.....	65
Figura 35 –Recepção e Atendimento do CEAC .....	66
Figura 36 –Refeitório do CEAC .....	67
Figura 37 –Área de Convívio e Dinâmicas em Grupo.....	68
Figura 38 –Lavanderia do CEAC.....	69

Figura 39 –Cozinha do CEAC .....	69
Figura 40 –Alojamento Feminino com Berço Para Mães Com Bebê .....	70
Figura 41 –Fachada da Csa Terapeutica Feinina Bom Pastor .....	72
Figura 42 –Área de Convívio Social, onde ocorre reuniões e diversas atividades ....	72
Figura 43 –Área de Convívio Coberta, Usada Como Área de Terapia e Leitura .....	73
Figura 44 –Sala de Estar da Casa, Usada para Momentos de Lazer, de Reuniões e Terapia.....	7
Figura 45 – Cozinha da Casa Onde Ocorre Participação Das Mulheres que Estão Internadas.....	58
Figura 46 – Programa de Necessidades .....	60
Figura 47 – Fluxograma .....	63
Figura 48 – Organograma .....	64
Figura 49 – Maquete .....	67
Figura 50 – Maquete Fachada .....	67
Figura 51 – Maquete Pavimento Térreo .....	67
Figura 52 – Maquete Primeiro Pavimento .....	68
Figura 53 – Maquete Detalhe Fundo do Terreno .....	68
Figura 54 – Planta de Situação .....	69
Figura 55 – Planta de Implantação .....	70
Figura 56 – Setorização .....	71
Figura 57 – Planta Térreo .....	72
Figura 58 – Planta Primeiro Pavimento .....	74
Figura 59 – Planta Segundo Pavimento .....	76
Figura 60 – Fachada e Cortes AA e BB .....	78
Figura 61 – Projeto Inserido na Malha Urbana .....	79
Figura 62 – Fachada Mostrando o Lado da Padaria .....	79
Figura 63 – Detalhe do Vão Livre .....	80
Figura 64 – Detalhe do Vão Livre .....	80

Figura 65 – Área de Convivência do Primeiro Pavimento.....	80
Figura 66 – Área de Convivência do Primeiro Pavimento com Detakhe da Biblioteca em Vidro.....	81
Figura 67 – Brises Fixos e Pergolado dando o efeito de estar seguro sem estar preso .....	81
Figura 68 – Dormitório Masculino com os Módulos Dormitórios .....	81
Figura 69 – Módulos Dormitórios Vistos de Cima .....	82

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
Justificativa .....	16
Objetivos.....	17
Metodologia .....	19
1    CONCEITOS QUE EMBASARAM O TRABALHO .....	20
1.1    Como surgiu os moradores de rua no Brasil .....	20
1.2    Perfil da população em situação de rua no Brasil.....	24
1.3    Como e por quais motivos essas pessoas encontram-se nessa situação nos dias atuais.....	25
1.4    Mitos e Realidades: avanços e desafios .....	29
1.5    O Homem e a Percepção Ambiental .....	30
1.6    Cor e Psicodinâmica das Cores .....	30
1.7    Relações Pessoais e Valores Espaciais e a importância do Entendimento.	31
1.8    Albergues e abrigos precários.....	32
1.9    ESTUDOS E DADOS DA CIDADE DE TAUBATÉ.....	37
2    Dados da cidade de Taubaté.....	37
2.1    Situação dos albergues para as pessoas em situação de rua em Taubaté ....	38
2.2    Informações e Dados do Município de Taubaté	
3    ESTUDOS INICIAIS - PROJETO .....	47
3.1    Levantamento do terreno .....	48
3.2    Estudo de Skyline para Implementação do Projeto	
4    ESTUDOS DE CASOS E VISITAS TÉCNICAS .....	51
4.1    Estudos de casos .....	51

4.1.1	Estudo de caso 1: Casa Albergue KWIECIO.....	51
4.1.1.1	Contribuições para o projeto.....	53
4.1.2	Estudos de caso 2: Moradias dos Alunos da Fundação Bradesco/Canuanã	54
4.1.2.1	Contribuições para o projeto.....	56
4.1.3	Estudos de caso 3: Centro de Assistência The Bridge.....	56
4.1.3.1	Contribuições para o projeto.....	58
4.2	Visitas técnicas.....	60
4.2.1	Visita Técnica 1: Associação Casarão da Mariquinha em Mogi das Cruzes	60
4.2.1.1	Contribuições para o projeto.....	67
4.2.2	Visita Técnica 2: CEAC - Centro.....	68
4.2.2.1	Contribuições para o projeto.....	70
4.2.3	Visita Técnica 3: Comunidade Bom Pastor Terapêutica Feminina.....	71
4.2.3.1	Contribuições para o projeto.....	83
5	PROGRAMA DE NECESSIDADES E FLUXOGRAMA.....	84
5.1	Programa de necessidades.....	84
5.2	Fluxograma.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
	REFERÊNCIAS.....	135

## INTRODUÇÃO

Apesar da dificuldade de conceituar, mensurar e, conseqüentemente, estudar a quantidade de moradores de rua em qualquer lugar do mundo, exatamente pela falta de um endereço fixo, uma pesquisa realizada em 71 municípios brasileiros, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, 2008), foram identificadas 31.922 pessoas em situação de rua nas cidades pesquisadas vivendo em calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos e prédios abandonados, becos, lixões, ferro-velho ou pernoitando em instituições (albergues, abrigos, casas de passagem e de apoio e igrejas) entre os anos de 2004 a 2011. Ressaltamos que o número total é bastante elevado considerando que a pesquisa foi realizada em apenas algumas cidades, e que esta não é somente uma realidade brasileira, tampouco restrita a grandes metrópoles.

Por diversas vezes, a população de rua é caracterizada como portadora de desvio de condutas sociais. Para Mattos e Ferreira (2004), morar em residência fixa, trabalhar formalmente e constituir família são padrões sociais que caracterizam os indivíduos normais, logo, sem residência fixa, sem família e trabalho formal, as pessoas em situação de rua são alvos de investidas ideológicas que acentuam suas anormalidades. Padrões sociais estes que, apesar de serem direitos garantidos, não correspondem à realidade.

É inegável o déficit de literatura a respeito da relação dos moradores de rua e albergues públicos. O tema quase nunca é abordado e as condições às quais são submetidos pouco são questionadas. A inexistência do crivo sobre o assunto é de tal grandeza que a sociedade tem a falsa idealização de que morar na rua é sinônimo de doença mental e fraqueza, dependência química ou falta de instrução intelectual.

As reflexões sobre a realidade dessa população conduzem ao questionamento das circunstâncias que levam uma pessoa a viver nessa situação (abandonos, brigas familiares, doenças, perda de emprego, transtornos psicológicos, tragédias pessoais, drogas). Essa população torna-se excluída e pouco negligenciada pelos órgãos responsáveis, o que os leva a viver em condições sub-humanos.

O estereótipo reforçado pela sociedade é ocasionado principalmente pela notável ausência de informações disponíveis sobre o assunto e também pelas poucas políticas públicas que possibilitem o seu enfrentamento. A não satisfação dos direitos básicos dessa população ocasiona problemas em sua autonomia. Não há como medir as chances reais de uma pessoa sair da rua ou se submeter às poucas opções de tratamentos e inclusões existentes, porém se faz necessário um suporte informativo e um trabalho comunitário eficaz, promovendo um aumento nos atendimentos de programas sociais já ativos.

Por esse motivo, esse trabalho foi desenvolvido o projeto arquitetônico de um Residencial Social para pessoas em situação de rua, aliando o conforto de uma residência, cuidados básicos, integração social, atividades culturais e principalmente a inclusão.

## **Justificativa**

Como os autores Veríssimo, Francisco e Bittar, William citam no livro 500 anos da Casa no Brasil, ano 1999:

[...] “Mas o que é casa?  
É o abrigo? O ninho? O repouso do guerreiro? O local de trabalho? O recanto dos encontros e reencontros? A personalização e identificação fechada de um universo? Simplesmente a máquina de morar preconizada pelos modernistas? Um símbolo de status ou de refinamento? Uma brincadeira formalista?”

De tudo um pouco, a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da

qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora.

E é com essas palavras que refletimos o sentido de ter um lugar, um lar, e para as pessoas que não tem nem um pedaço disso?

Conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 2009), todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e à sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

Nesse sentido, torna-se indispensável o conhecimento dos conceitos de um projeto integrador, mesmo que temporário, aos cidadãos que tiveram todos os seus mínimos direitos negados.

Sendo assim, pesquisas e trabalhos como esse tornam-se indispensáveis para o quadro atual, que vem se arrastando á séculos, tornando possível que várias cidades e/ou órgãos inspirem-se, proporcionando esses direitos também em seu local de origem.

## **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma moradia temporária segura e acessível para a população em situação de rua, com o intuito de oferecer direitos básicos a essas pessoas, e também incluir no projeto vertentes de estudos psicológicos na arquitetura, trabalhando de forma inconsciente e beneficiando sua saúde física e emocional.

Projetar, para isso, um Albergue para pessoas em condições de rua visando conforto e bem estar, com oficinas profissionalizantes para que usemos o albergue de uma forma integradora para esses indivíduos na sociedade.

Atender à questão da reintegração social, trazendo a idéia de independência e auto confiança a elas, que, além de perdas materiais e perdas físicas, na maioria das vezes também convivem com perdas emocionais traumáticas.

Para garantir os direitos básicos e um trabalho reintegrador, surge então a necessidade de aprofundar estudos em um projeto arquitetônico que remete a um local seguro e confiável e com fácil acessibilidade, atentando também por áreas de convívio. Foi desenvolvido então um trabalho que uniu as normas e leis pertinentes e para os conhecimentos adquiridos em pesquisas, estudos e observações.

Para tanto, foram realizadas pesquisas para uma melhor compreensão do universo das pessoas em situação de rua. Como exemplos temos: A História de Como surgiu os moradores de rua; Os moradores de rua na atualidade; Códigos, Normas e Leis a favor dos moradores de rua; para analisar e compreender os conceitos que embasam o tema, como:

- Estudar a história dos motivos, como e porque surgiram as pessoas nessa situação de rua no Brasil;
- Propiciar o conhecimento, dos vários perfis de pessoas nessa situação, sob a visão de diferentes teóricos;
- Conhecer a situação dos moradores de rua atualidade e compreender como eles pensam e agem;
- Mostrar o crescente números de códigos, normas e leis a favor dos moradores de rua;
- Destacar as atividades que podem ser desempenhadas por eles no mercado de trabalho;
- Apontar e oferecer cuidados básicos a essas pessoas como higiene, alimentação, e o direito de poder participar de programas sociais de acordo com as necessidades de cada um;
- Mostrar que o projeto deve abranger muito mais que os direitos básicos, mas também conseguir incluir estudos parar trabalhar o emocional com as necessidades de cada um;
- Desenvolver a percepção ambiental dentro do projeto arquitetônico.

Em seguida, foram elaboradas leituras da cidade para a identificação do local para o projeto, visando escolher, distinguir e definir a área adequada.

Para conhecer melhor as necessidades e instalações específicas para essas pessoas, foram realizadas visitas técnicas e estudos de caso na intenção de

analisar, examinar e empregar as devidas soluções no projeto proposto.

Para a aplicação dos conhecimentos adquiridos e análises desenvolvidas foram realizados inúmeros estudos projetuais, de forma a se obter uma melhor elaboração da proposta. Iniciou-se pelos estudos formais, que culminaram na forma final do edifício, elaboração do programa de necessidades aliado ao fluxograma norteando o desenvolvimento dos espaços interno e externo do projeto e finalizando com a representação gráfica do projeto proposto.

## **Metodologia**

Esta pesquisa se classifica do ponto de vista da sua natureza como uma Pesquisa Aplicada, pois buscou conhecimentos para execução no projeto arquitetônico; do ponto de vista da forma de abordagem do problema é uma Pesquisa Qualitativa relacionando as necessidades do sujeito da pesquisa ao projeto.

Do ponto de vista de seus objetivos é Exploratória, Descritiva e Explicativa visando explorar, descrever e identificar o sujeito, suas necessidades e a aplicabilidade dos estudos; do ponto de vista dos procedimentos técnicos, é uma Pesquisa Combinada aliando a pesquisa Conceitual Bibliográfica às demais – documental, estudos de casos e visitas técnicas, de forma a obter conhecimento e aplicar no projeto proposto (normas técnicas, leis, livros e principalmente observações dos problemas cotidianos, em visitas e estudos de caso).

# 1 CONCEITOS QUE EMBASARAM O TRABALHO

## 1.1 Como surgiram os moradores de rua no Brasil

Não há documentos historiográficos que relatem datas exatas sobre a história dos moradores de rua no Brasil desde o início da sociedade brasileira. Mas podemos realizar alguns apontamentos históricos no âmbito brasileiro e mundial, que foram preponderantes para o surgimento desse fenômeno que é a população em situação de rua em meio à sociedade brasileira.

Com o fim da escravidão, migração e imigrações, o auge do regime republicano no Brasil dava-se em meio a transformações demográficas e sociais.

Novos habitantes, vindos de antigas senzalas e casebres do interior do país ou dos portos estrangeiros, se misturavam nas cidades imperiais, e juntos aprenderiam a sobreviver nessa instabilidade que marcaria ou definiriam suas vidas e seu novo modo de morar.

Todos eles se movimentariam, pelas ruas em busca de empregos e tetos baratos para abrigar-se, num deslocamento contínuo que fundia vivências, experiências, tensões e espaços.

Tumulto e desordem seria uma clara definição à dinâmica das capitais já republicanas, à ocupação de suas ruas e casas, e seus habitantes cada vez mais numerosos e movediços. As elites emergentes da época atribuíam a responsabilidade de livrar o país do “atraso”, atribuindo a idéia do passado colonial e imperial do país, visivelmente visto na confusão dos espaços urbanos, com ruas populosas e barulhentas.

Desordem e tumulto eram justamente as dimensões dessa época, que e a maior parte das populações brasileiras encontravam para a sobrevivência e para seu agir social, e que marcaria até os dias de hoje a situação das cidades brasileiras. Casas e ruas fundiam-se em um formato totalmente confuso, em que os limites espaciais formavam-se por interesses da ambição fundiária dos proprietários e do descaso das autoridades com a população. O desleixo, descrito em um estudo notável de ficção literária “O Cortiço”, já descreve a situação do Rio de Janeiro antes

de qualquer estudo científico e/ou sociológico, escrito por Aluísio de Azevedo, ano 1890, que descreveu o cenário de uma habitação coletiva como no seguinte trecho:

“[...] o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela fervendo que se destampa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada, secando ao sol” (Cap.IV, p.51)” Ano 1890.

Com a abolição surgia, então, a figura aterradora da massa de “cidadãos” pobres, perigosa e viciosa, a qual emergia na multidão de casas térreas, de estalagens e cortiços, de casas de cômodos, de palafitas, mocambos e da multidão que não possuíam nada disso e ficavam pelas ruas. Era essa a vastidão herdada do Império. Acusadas de atrasadas, inferiores e imorais, essas populações seriam perseguidas nas ocupações que faziam nas ruas, mas sobretudo seriam castigados por causa de suas habitações ou forma de habitar.



Figura 1 - Nos cortiços e estalagens cariocas as expectativas de privacidade diluíam-se, compartilhadas nos varais, tanques e portas abertas. ( Augusto Malta, sem título, Rio de Janeiro, c. 1938)

Com a República inspirando-se nas idéias e reformas européias, como por exemplo a Reforma de Haussman, que fez com que as casas e edifícios residenciais fossem os mais atingidos pelas cirurgias capitaneadas de Haussman. Sendo assim, milhares de unidades habitacionais foram destruídas em Paris totalmente à custas de desapropriação.

Essa idéia foi então se espalhando pelas antigas capitais européias, atingindo as cidades da América do Sul.

O privado passa a ser, portanto, controlado não apenas pelos indivíduos habitantes, mas também controlado pelo Estado, e esse modelo de convívio urbano, passado pelos procedimentos de especialização espacial e segregação social, foi o que esteve frente do controle de habitação, e implementados nas capitais brasileiras a partir da República.

Diferenciar espaços públicos e privados, ruas e casas, é tomada então como conceito geográfico de exclusão e segregação social.

Fica claro, que essas estratégias de institucionalização para as casas, ruas, bairros e, por fim, das próprias cidades mais precisamente as capitais brasileiras, deparavam-se não apenas com o tumulto e desleixo, mas com a grande dificuldade de organização populacional como estratégia de um futuro para o país.

A primeira cidade brasileira a sofrer um amplo projeto de reformas foi o Rio de Janeiro, que teve várias tentativas de controle de moradias. E com a ineficiência de fiscalização, torna-se o fluxo contínuo de novos habitantes que recorriam à capital brasileira na época, quadro esse que vemos até os dias atuais em várias cidades do país.

Desde então, o reflexo da desigualdade social era muito contrastante, principalmente em cidades grandes.

Na época do início da República, já víamos casas, e espaços domésticos como uma referência basicamente móvel para essas populações segregadas, como uma forma de sobrevivência. As construções disponíveis ou não, para a maioria popular, restringiam-se a obedecer às poucas exigências possíveis diante da pobreza e da própria mobilidade, restando às autoridades apenas multar aqui ou ali os proprietários ou locadores mais desobedientes, uma debilidade que se repetia no controle das ruas públicas.

O desejo de tirar da capital as habitações nas violentas derrubadas, fez com que essas pessoas fossem para os morros, e outros nem isso conseguiram.

Em São Paulo não foi diferente, sofria experiências de segregação social, promovidas ou protegidas pelo estado, bem mais consistente e eficiente do que as ocorridas nas outras grandes capitais brasileiras, mas com o mesmo desleixo, como citado no livro 500 anos da História Privada no Brasil.

## 1.2 Perfil da população em situação de rua no Brasil

A Pesquisa Nacional sobre a População de Rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) em agosto de 2007 a março de 2008, indica que 82% da população em situação de rua é do sexo masculino. Mais da metade possui idade entre 25 e 44 anos, 67% dos indivíduos são negros e 52,6% recebe entre R\$20,00 e R\$80,00 semanais.

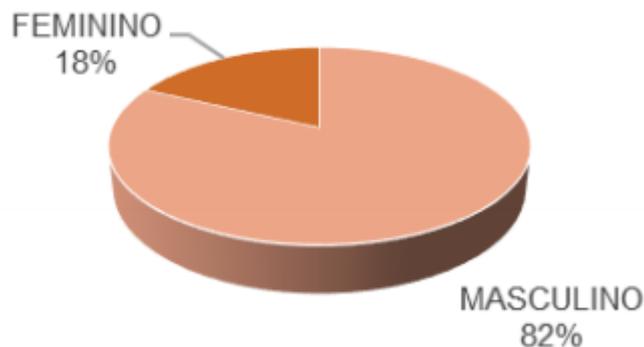


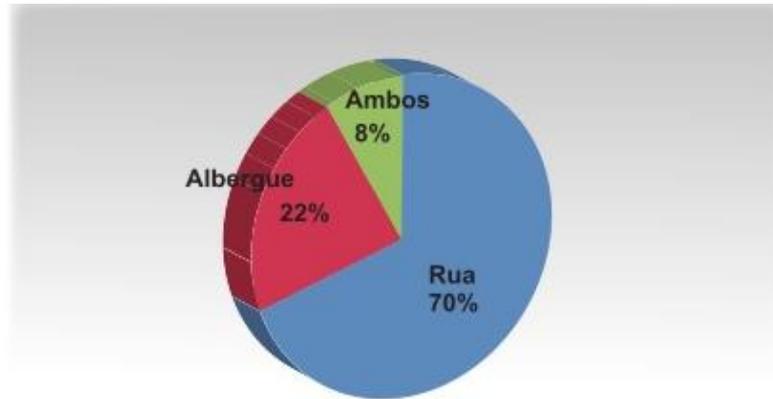
Figura 2 – Gráfico de Gênero de pessoas que se encontram em situação de rua no Brasil –  
Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS,2008

Em relação à formação escolar, a Pesquisa Nacional indica que 74% dos entrevistados sabia ler e escrever, 17,1% não sabiam escrever, 8,3% apenas sabiam assinar o próprio nome e 95% não estudava na ocasião da pesquisa.

A Pesquisa Nacional também comprova que 70,9% dos moradores exercem algum tipo de atividade remunerada e apenas 15,7% pedem dinheiro como forma de sobrevivência.

Desse grupo nacional, 69,9% costuma dormir nas ruas, sendo que 30% dorme em logradouros públicos há mais de 5 anos e apenas 22,1% costuma dormir em albergues ou outras instituições de apoio.

Do total de indivíduos pesquisados, 48,4% estavam há mais de dois anos dormindo nas ruas ou em albergues, sendo que a maioria costumava dormir nas ruas (69,6%), outros em albergues e outras instituições (22,1%) e uma minoria alternava entre dormir nas ruas e nos albergues (8,3%).

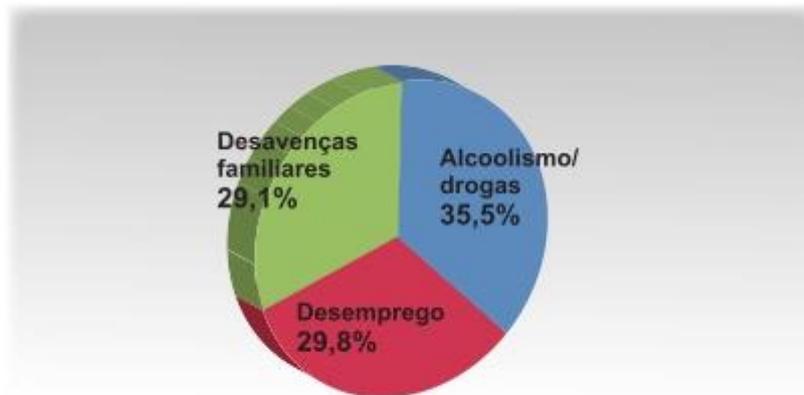


Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

Figura 3 – Gráfico de locais onde moradores de rua dormem – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

Dos indivíduos entrevistados em nível nacional, 88,5% afirmam não receber nenhum benefício dos órgãos governamentais, não sendo atingidos pela cobertura dos programas do governo federal.

As principais razões levantadas na Pesquisa Nacional pelas quais os entrevistados se encontram em situação de rua são o alcoolismo/substâncias químicas (35,5%), desemprego (29,8%) e desavenças familiares (29,1%).



Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

Figura 4 – Gráfico dos principais motivos dessas pessoas estarem em situação de rua no Brasil – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS,2008

A respeito da trajetória dos entrevistados 45,8% sempre viveram no município que moravam, 56% sempre viveram no mesmo Estado em que anteriormente tiveram moradia, 72% vieram de áreas urbanas.

Dos que responderam que já moraram em outras cidades, 45,3% se deslocaram em busca de novas oportunidades de trabalho e 18,4% se deslocaram por motivos de desavença familiar.



**Fonte:** Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008

Figura 5 – Gráfico de Motivos de Deslocamento– Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS,2008

Em relação à alimentação, a maioria conseguia realizar uma refeição ao menos uma vez por dia (79,6%), entretanto uma grande parcela não conseguia se alimentar todos os dias (19%).



**Fonte:** Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS, 2008

Figura 6 – Gráfico da quantidade de refeições que essas pessoas conseguem fazer por dia – Fonte Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/DS,2008

### 1.3 Como e por quais motivos essas pessoas encontram-se nessa situação nos dias atuais

Os motivos que levaram esses sujeitos à exclusão do mercado de trabalho se apresentaram como variados em suas falas: escassez de Mercado para determinada atividade, idade avançada, aposentadoria precoce, problemas de saúde física ou mental, baixa qualificação, dependência química, entre outros.

No entanto, sentidos e significados variados para o trabalho ou para alguma habilidade que possa lhe gerar renda e prestígio social recebem ênfase e permanecem fortemente marcando suas subjetividades. Anderson Snow (1998) já destacavam em seus estudos que a falta de disponibilidade de trabalho e, também de acesso, constitui o trabalho como um dilema central na vida das pessoas não domiciliadas.

No bojo da relação íntima entre o homem e o trabalho observa-se a importância deste para a sua vida como possibilidade de satisfação de desejos e suprimentos de necessidades, bem como sua função enquanto instrumento de realização pessoal.

Pessoas nessa situação que já foram entrevistadas se identificam pelo o que sabiam fazer, por algum ofício que exerciam ou já haviam exercido, atividades que executavam com pouca ou nenhuma regularidade, entretanto que marcava até aquele momento suas identidades, nos remetendo à idéia de existência de uma sociedade contemporânea que pode ser chamada de “sociedade do trabalho”, na qual seus integrantes se reconhecem pelas funções que exercem, como destacou Arendt (1999).

Apesar da exclusão do Mercado de trabalho ser um ponto marcante na vida dessas pessoas, diversos participantes de um estudo feito por alunos do curso de psicologia na Faculdade Federal do Acre, declararam executar alguma atividade de onde lhe provêm renda. Alguns declaram viver da mendicância, de “bicos” ou de trabalhos informais como coleta de materiais recicláveis e sucata.

Em alguns casos o vínculo de trabalho encontrava-se sob risco devido a problemas de saúde física e/ou mental, abuso de álcool, e outras drogas bem como problemas familiares. Merece destaque a ênfase que alguns deram ao trabalho como meio de auto realização, entreterimento, meio de se obter dignidade e até mesmo saúde (física e mental). França e Rodrigues (1997) destacam a importância do trabalho como fator para o desenvolvimento emocional saudável, moral e cognitivo além de reconhecimento social.

Por fim, a categoria trabalho pode ser considerada como um fato propulsor à inclusão social e à promoção de saúde para este segmento populacional vulnerável.

#### **1.4 Mitos e Realidade: avanços e desafios**

O primeiro mito é que, para sobreviver à situação de rua o cidadão torna-se

dependente químico ou faz o uso abusivo de drogas.

Nas últimas décadas, o consumo de substâncias psicoativas aumentou na população em geral, o que não é diferente quando observada a população em situação de rua.

A dependência e o uso abusivo é também presente na condição anterior de rua, com indícios de ser fator de rompimento de vínculos familiar, e 78% dessas pessoas dizem fazer uso de drogas antes da situação de rua. Deste modo, não se sabe ao certo qual a razão do rompimento familiar, mas uma das hipóteses é o uso abusivo de álcool e/ou drogas, uma vez que se constatou o elevado percentual de pessoas que já consumiam esses produtos antes da ida para a rua em ambos os segmentos.

O uso de drogas não constitui um problema específico da população de rua, mas atinge a sociedade como um todo. No entanto, nos grupos mais vulneráveis da população as consequências da droga têm repercussões mais graves, seja pela criminalização dos usuários seja pela ausência de políticas de prevenção e tratamento de dependentes.

O segundo mito é que os moradores de rua, são pessoas sem instrução formal. Como exemplo temos a cidade de São Paulo, a maioria da população em situação de rua possui nível médio incompletos com uma média de 70%. A proporção na população geral do município de São Paulo que cursaram até o nível médio é de 56%, ou seja, o nível de escolaridade (ou instrução) é próximo ao percebido para a população em geral.

A menor escolaridade dos grupos etários mais elevados é um aspecto que caracteriza a população em situação de rua. Os resultados observados no fundamental incompleto demonstram essa realidade: as porcentagens são claramente ascendentes da primeira à última faixa etária (PMSP, SMADS, FIPE: 2015b, p.89)

Percebe-se então que os problemas e dificuldades que abordam esse universo dos moradores de rua, é muito mais complexo do que primeira vista.

## **1.5 O Homem e a percepção ambiental**

Os sentidos comuns como visão, olfato, paladar, audição e tato são largamente estudados na psicologia como importantes meios de compreensão e

relacionamento com o meio ambiente.

Para isso, esse estudo estará voltado também a essas questões que consciente e/ou inconscientemente ajudará no melhor desenvolvimento dessas pessoas em situação de rua dentro do projeto.

Além disso, pela ênfase dada às imagens visuais, esses sentidos são considerados os meios mais importantes para se enxergar a realidade, com a predominância aparente da visão.

Sendo assim, o caminho para conhecer e entender essa realidade é a participação direta e intensa do corpo/mente como um todo, da mesma maneira que fazem as crianças no processo cognitivo inicial.

Utilizando o conhecimento abstrato e simbólico, é possível construir a própria visão do mundo, com o seu significado. Como no exemplo citado, na fase do processo cognitivo por intermédio do corpo e da mente, utilizam-se todos os sentidos, internos ou externos.

Cunha, Versani (1986,p. 27) afirma que a criança:

[...] organiza o mundo exterior através de ações físicas, elaborando ao mesmo tempo suas estruturas mentais. Em outras palavras, o indivíduo se organiza, ao organizar a realidade.

Mesmo na fase adulta elaborar as estruturas mentais irão fazer com que o sujeito organize a sua realidade.

Falando sobre as funções básicas do pensamento, do conhecimento, da participação do corpo, nesse processo e no sentido libinal, Rubens Alves (1992, p. 35-37) diz que:

[...] pensar a vida divorciada de elementos libidinais é uma impossibilidade, pois a vida é preconceitualmente seletiva e embaraçosamente parcial em suas estruturações. A ausência de desejo como centro da consciência talvez marque o momento da própria morte. [...] O conhecimento está a serviço da necessidade de viver e, primariamente, a serviço do instinto de conservação pessoal. E essa necessidade e esse instinto criaram, no homem, os órgãos do conhecimento, dando-lhes o alcance que possuem.

Entretanto, ele afirma que “o corpo é a entrada da alma, a dor e o prazer, os fundamentos do pensamento”.

Junior, Duarte (1994) acrescenta que:

[...] este é, então o mecanismo do conhecimento humano: um jogo

(dialético) entre o que é sentido (vivido) e o que é simbólico (transformado em palavras ou outros símbolos).

A arquitetura em si de início é muito visual, e a visão ocupa cerca de 87% das atividades entre os cinco sentidos, nos dando a impressão de que a realidade é o que vemos. A visão permite ver todo e qualquer movimento, até a longa distância. Tem como função inicial instintiva a de localizar e reconhecer qualquer coisa que venha a afetar a nossa segurança. Desde o começo, a primeira coisa e ato da visão é enxergar tudo que está ao nosso redor e reconhecer de imediato se algo oferece perigo ou se afeta a nossa sobrevivência ( por exemplo, quando vamos atravessar a rua, verificamos os movimentos dos veículos).

## 1.6 Cor e Psicodinâmica das Cores

Tudo se vê pela cor, então torna-se mais ampla a matéria de estudos a possibilitar a visão da realidade. Podemos então perceber a visão colorida e seu simbolismo, e a adequação correta das cores para controle do comportamento humano.

Sobre a sensibilidade, Goethe (1993,P 14-15) observou:

[...] não é somente receptividade, mas também impulsividade, assim também as cores devem ser interpretadas tanto como a “paixão”(Leiden) quanto como “ação” (Tat) da luz. É através da sua ação ou efeitos que podemos ter uma imagem ou uma história dos seus efeitos, que por sua vez nos aproxima da essência da própria cor [...] Para Goethe, nada pode ser exterior a nós, o mundo se reflete no sujeito.[...] Goethe, na verdade, não separa o homem do mundo. Quando nos diz que o olho é “solar”, significa que é o olho que deve sua existência à luz, e não o contrário; “o olho constitui-se na luz, e para a luz”.

Sem entrar em muitos detalhes técnicos, Wood (1984, p. 29) diz que:

[...] o olho humano interpreta os raios luminosos (energia eletromagnética) através de uma interação dos nervos óticos com o cérebro, a qual envolve um Sistema de bastonetes e cones de retina, para depois externaliza-los como cores. Parece que existem cerca de mil matizes diferentes e mais de 2 mil tonalidades e nuances que podem se percebidas pelo olho do ser humano.

Com um estudo aprofundado para a percepção ambiental e importância

indireta das cores para o comportamento humano, entende-se a relevância desse assunto e abordagem para o projeto em questão.

Conhecemos muito mais sentimentos do que cores. Dessa forma, cada cor pode produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios. Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. Em que consiste o efeito especial? Nenhuma cor está ali sozinha, está sempre cercada de outras cores. A cada efeito intervêm várias cores um acorde cromático.

## 1.7 Relações Pessoais e Valores Espaciais: A importância do entendimento psicológico para um bom projeto arquitetônico

Primeiramente entendemos que a experiência é um termo que abrange diferentes formas, através das quais um indivíduo conhece e constrói a realidade.

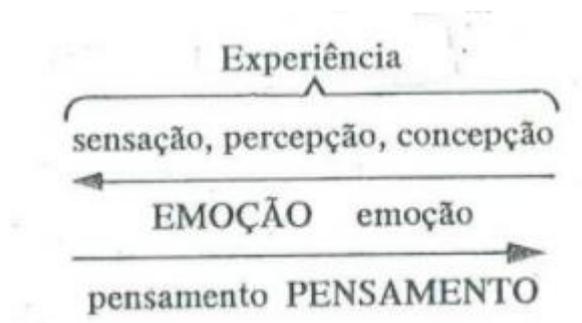


Figura 7 – Esquema para compreender a experiência na vida do indivíduo, livro Espaço e Lugar, Tuan, Yi Fu.

As emoções dão sentido a toda experiência vivida pelo homem, incluindo os níveis mais altos de pensamento.

Já no espaço entendemos que é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias, pois pessoas de diferentes culturas mudam a forma de organizar e estar em seu espaço, mostrando o quanto a fundo temos que observar essas pessoas em condição de rua, para que com isso temos um bom resultado no projeto proposto.

Lembrando que o espaço físico sugere que tenhamos espaciosidade, e se o local em si é suficientemente espaçoso. A espaciosidade está totalmente ligada a sensação de liberdade, e estar livre, é claro, tem diversos níveis de significado.

Talvez esse seja um dos grandes motivos pelo qual essas pessoas encontram-se em tal situação, em busca de algum desprendimento moral/emocional, vendo esses espaços livres ( as ruas) como um símbolo comum de liberdade.

Mas é claro que nesse propósito eles esbarram em um porém bem mais complicado do que o aparente, pois, do lado negativo a liberdade é uma ameaça, ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável.

E por isso trago esse projeto, pois um espaço “fechado” e humanizado é um lugar, pois comparado ao espaço o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos.

Todos os seres humanos precisam de espaço sim, mas também de um lugar, e é claro que com as pessoas em situação de rua não poderia ser diferente, pois a vida é um grande movimento entre essa liberdade e o refúgio, e mesmo que esse lugar seja temporário ele pode ser sim integrador.

O espaço e o lugar são recursos que trazem riqueza à vida humana se adequadamente explorados. Mas mesmo com a idéia de muitos sobre o lugar e a privacidade trazer um sentimento de solidão, a privacidade e a solidão são necessárias para um reflexão perseverante e uma introspecção rigorosa, sendo assim possível uma compreensão do próprio “eu” tornando possível a auto confiança e a apreciação a outras pessoas.

Por isso a construção de um albergue integrador se faz necessário a essas pessoas, pois o ambiente construído define as funções sociais e as relações. O ambiente construído, como a linguagem, tem o poder de definir a sensibilidade, pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura os sentimentos sobre o espaço ficam difusos e fugazes.

O ambiente construído e planejado atende a um propósito de educação. Em algumas culturas, o prédio é o primeiro texto para transmitir uma tradição e para explicar uma visão da realidade. E permanência mesmo que temporária e a integração é um elemento importante na idéia de lugar. Wi Fu Tuan no livro Espaço e Lugar p. 156, ano 1977, exemplifica o impacto que o ambiente e os lugares estabelecem na vida humana:

[...] A intimidade entre as pessoas não requer o conhecimento de detalhes

da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum da família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala de estar, que permitem explicações detalhadas.

Sobre a importância de o projeto ter ações integradoras, sejam elas profissionalizantes ou culturais, Wi Fu Tuan destaca ainda no livro Espaço e Lugar na p. 208, ano 1977:

[...] Em geral, podemos dizer que, sempre que uma pessoa (jovem ou velho) sente que o mundo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizado e estável. Por outro lado, quando uma pessoa sente que ela mesma está dirigindo as mudanças e controlando os assuntos importantes para ela, então a saudade não tem lugar em sua vida: a ação, em vez de lembranças do passado, apoiará seu sentido de identidade.

Ou seja, quando as pessoas mudam o seu ambiente e sentem que controlam o seu destino, tem poucos motivos para sentir saudade do que já foi ou do que poderia ter sido.

E por que mudar? Pois apesar de o passado ter existido e nos formado como somos, o presente também tem valor, e é nela que mora a nossa realidade experiencial, o ponto sensível da existência.

## **1.8 Albergues e abrigos precários**

Existem albergues no Brasil que se encontram em péssimo estado, não contam com uma infra-estrutura necessária para os devidos cuidados com as pessoas em situação de rua e desconhecem totalmente os conceitos que envolvem a situação ou em grande parte das vezes não tem recursos para tal, prejudicando a autonomia dessas pessoas e demais pessoas que trabalham nesses locais.

São poucos os ambientes e edifícios que se preocupam com os moradores de rua, uma considerável parcela da população que é cada vez maior e mais atuante no Brasil.

Por isso, é importante o conhecimento, a conscientização e a aplicação dos

conceitos já citados para a adequação de ambientes, principalmente para aqueles que recebem e acolhem essas pessoas, pois com mudanças os resultados podem ser muito mais satisfatórios.

## 2 ESTUDOS E DADOS DA CIDADE DE TAUBATÉ

### 2.1 Dados da cidade de Taubaté

Taubaté, foi fundada em 5 de dezembro de 1645 (elevado à Vila) pelo então bandeirante Jacques Felix e hoje é o segundo maior pólo industrial e comercial da mesorregião, abrigando empresas como Volkswagen, Ford, LG, Alston e Usiminas.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) (2005) possui um PIB per capita de R\$ 17.267,00 e de acordo com o Censo (2000), possui uma Expectativa de vida de 72, 73 anos.



Figura 8 – CTI, Cartão Postal da Cidade de Taubaté, Fonte: Portal Taubaté.

Taubaté possui em sua maioria bairros de classe média e não existem habitações em condições precárias no município. A renda populacional é de 5 a 10 salários mínimos. Com uma baixa taxa de mortalidade infantil, se apresenta como uma das melhores cidades para se viver no Brasil. (Revista Exame, 4 abril de 1999). (WIKIPÉDIA, 2009)

A cidade abrange uma área de 625,916 km<sup>2</sup> e segundo o IBGE /2017, o município possui 307,000 habitantes e uma densidade de 424,2 hab./km<sup>2</sup>.

Cerca de 8,3% da população de Taubaté tem mais de 60 anos, ou seja, aproximadamente 24 mil idosos na cidade, segundo uma pesquisa desenvolvida pela professora Maria Lucila Junqueira Barbosa, do

Departamento de Enfermagem da Universidade de Taubaté. Desses 24 mil idosos, apenas 250 vivem num dos asilos PÚBLICOS do município. “A grande maioria está em casa, com boa saúde, mas sem praticar atividades físicas e sem momentos de lazer”, disse a professora.

## **2.2 Situação dos albergues para as pessoas em situação de rua em Taubaté**

O principal albergue público da cidade estava previsto para uma transferência de local desde 2015, para melhorar o atendimento a essas pessoas e liberar o local para um novo abrigo para idosos.

Com a necessidade de um local mais estruturado, Taubaté aguarda a essa sensibilização da prefeitura.

## **2.3 Informações e Dados do Município de Taubaté**

Taubaté, município do estado de São Paulo, dista 123 km da capital paulista e 280 km da cidade do Rio de Janeiro. É cercada pela Serra da Mantiqueira e pela Serra do Mar, e está à uma hora e meia do litoral. É cortada pela Rodovia Presidente Dutra e pela Rodovia Carvalho Pinto.

Está localizada no Médio Vale do Rio Paraíba, em plena bacia sedimentar terciária, a 6 km do rio. Seus principais rios são o Rio Paraíba, Rio Itaim e Rio Una. A cidade apresenta um clima Tropical-Úmido com inverno seco, com temperatura média de 24°C (máx 32° e mín 10°), índice pluviométrico médio de 82,75 de precipitação anual e umidade relativa do ar média de 69,75% às 12h00min horas, segundo o GUIA Oficial de Taubaté (2009).

[...] aspecto mais notável neste tipo de clima é, precisamente, a elevação da umidade que muitas vezes alcança os 90%. A média de temperatura é de 18°C. A característica mais notável da arquitetura tradicional nessa região é a influencia da ventilação. O projeto é feito de modo a aproveitar qualquer brisa, utilizando balcões, tetos altos, janelas grandes, varandas e portais. (HERTZ, 1998, p.6).

### **3 ESTUDOS INICIAIS - PROJETO**

O projeto de um Albergue para moradores de rua, na cidade de Taubaté no estado de São Paulo, teve como partido conceitual conforto, o acolhimento, o convívio social, o bem estar e melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, norteados pelos princípios da integração, características muito fortes desse partido adotado é a quantidade de espaços de convívio.

O objetivo deste trabalho é promover a reintegração social dos moradores de rua na sociedade, através de espaços amplos, agradáveis e adequados a essa faixa etária, satisfazendo suas necessidades e beneficiando sua saúde física e emocional.

Para isso, foi preciso pesquisar uma área adequada e compatível com as necessidades desse público, a qual precisa ser acessível para essas pessoas que na maioria das vezes se deslocam a pé e também onde se concentram vários moradores de rua.

Foram feitas pesquisas na cidade, para auxiliar na escolha e definição de um local apropriado para a implantação da proposta, seguidas de levantamentos de dados do terreno escolhido.

#### **3.1 Levantamento do terreno**

O terreno escolhido abrange uma área de 2.587,5 m<sup>2</sup>, e localiza-se na rua Joaquim Távora atrás do Bom Prato e da Rodoviária Velha, na região central. (Fig. 19).



Figura 9 - Mapa de Uso de Solo, Fonte Google Earth com legenda feita pela a autora do trabalho

Apresenta características favoráveis à implantação do projeto proposto, pois nas proximidades do terreno, há uma grande concentração dessas pessoas em situação de rua, com a rodoviária perto, caso algumas dessas pessoas que passarem pelo albergue, consigam voltar para suas famílias.



Figura 10 - Mapa com elementos que determinaram a escolha da área, Fonte Google Earth com legenda feita pela a autora do trabalho

Assim, o local possui toda a infra-estrutura necessária para a perfeita implantação da proposta, pois além dos equipamentos urbanos já descritos, conta também com água encanada, luz elétrica, transporte público, tendo em toda a sua extensão boa iluminação pública.

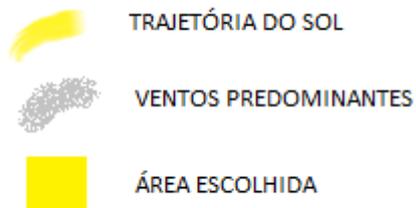


Figura 11 – Trajetória do Sol e Ventos Predominantes, Fonte Google Earth com legenda feita pela a autora do trabalho

Além disso, a região possui um relevo plano e o terreno possui boa qualidade de solo para a construção de um edifício. Não existem rios, nem córregos nas proximidades da área. A vegetação existente resume-se apenas as árvores plantadas nas calçadas.

Desta forma, a área constitui um local adequado para a construção do projeto proposto, tendo como seu público alvo as pessoas em situação de rua.

### 3.2 Estudo para implementação do projeto

Abaixo vemos fotos do terreno atualmente, que se encontra no centro da cidade de Taubaté.



Figura 12 – Foto atual do Terreno, Fonte: a autora.



Figura 13 – Vestígios de objetos de moradores de rua ao redor do terreno escolhido, Fonte: a autora.

## 4 ESTUDOS DE CASOS E VISITAS TÉCNICAS

Para iniciar o desenvolvimento do projeto, primeiramente foram feitos estudos de casos e visitas técnicas para melhor esclarecer o assunto.

### 4.1 Estudos de casos

#### 4.1.1 Estudo de Caso1: Casa Albergue KWIECO

Casa Albergue para mulheres em situações vulneráveis diante da sociedade e da cultura de seu país.

**Local:** Kilimanjaro, Tânzania

**Ano da construção:** 2015

**Partido:** Materiais locais, energias renováveis, planejamento participativo.



Figura 14 – Mulheres na área de convívio do projeto, Fonte: Archdaily Brasil.



Figura 15 – Área de convívio como partido do projeto, Fonte: Archdaily Brasil.



Figura 16 – Materiais locais e renováveis, Fonte: Archdaily Brasil.

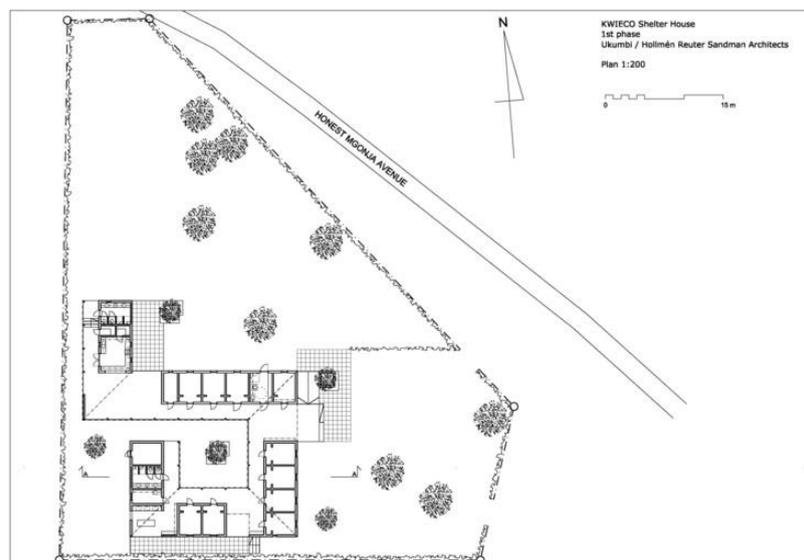


Figura 17 – Planta Baixa do projeto kwieco, Fonte: Archdaily Brasil.

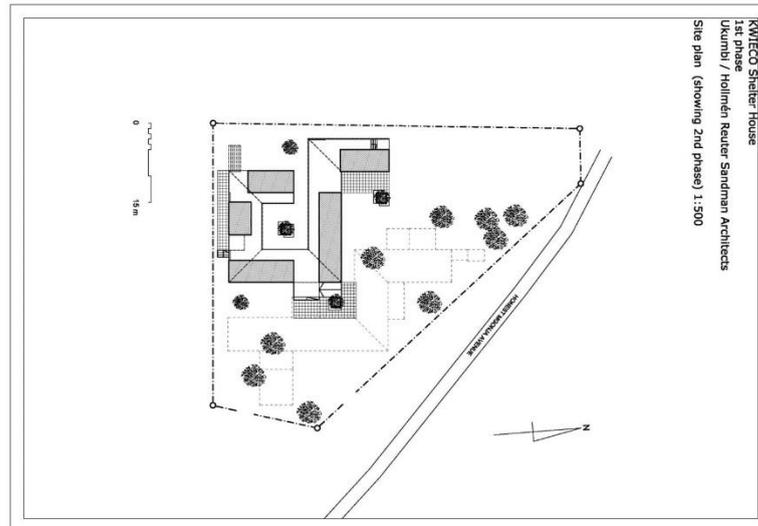


Figura 18 – Planta de Implantação do Projeto kwieco, Fonte: Archdaily Brasil.

A Organização da Consultoria e Intercâmbio de Informação de Mulheres de Kilimanjaro (KWIECO) foi fundada em 1987. Proporciona assessoramento sobre questões jurídicas, de saúde, sociais e econômicas às mulheres. Assim como no resto da África, as mulheres em Kilimanjaro são muito vulneráveis às violações de seus direitos à vida, à liberdade e à segurança. A violência contra as mulheres é permitida pelas atitudes sociais e culturais; a lei não consegue proporcionar segurança adequada contra a violência, nem é capaz de promover atitudes favoráveis para que a mulher goze de seus direitos fundamentais.

KWIECO esboçou um projeto para desenvolver o conceito de uma Casa Albergue. Junto à ONG Ukumbi, KWIECO apresentou o projeto ao Ministério de Relações Exteriores da Finlândia e arrecadou fundos para a criação das operações e a infraestrutura necessárias para a primeira fase. O prazo de execução para a construção da primeira fase é maio de 2015. Ukumbi e KWIECO estão coletando fundos para a segunda e última fase.

A arquitetura da Casa Albergue respeita a cultura local e a hierarquia espacial. Os materiais locais, as energias renováveis, a mão de obra e o saber local são utilizados, assim como o planejamento participativo, para garantir que os usuários tenham um sentido de propriedade mental no albergue.

#### 4.1.1.1 Contribuições para o projeto

O estudo contribuiu para o projeto proposto no que diz respeito à preocupação com o bem estar físico e emocional das pessoas, valorizando o convívio social entre elas, orientado pelos princípios da acessibilidade.

A preocupação com essas mulheres foi um ponto importante a ser analisado e considerado como, pela sua vulnerabilidade social, e pelo planejamento participativo.

A atenção voltada para materiais regionais e renováveis foi um ponto importante para a contribuição do projeto.

#### 4.12 Estudos de caso 2: Moradias dos alunos da Fundação Bradesco/Canuanã

Unidade de ensino rural, que oferece moradia a crianças que moram longe.

**Local:** Formoso do Araguaia, Tocantins

**Ano da construção:** 2016

**Partido:** Áreas de Convivência, valorização do material regional, moradias estudantis, grandes vãos da madeira; era a da repetição dos pilares - elementos verticais que definem o construído e suas qualidades espaciais.

**Área Construída:** 25.000m<sup>2</sup>

Trata-se de uma unidade de ensino rural, localizada em região de clima quente (seco no verão e úmido no inverno) onde coexistem três biomas – Cerrado, Pantanal e Amazônia – e historicamente marcado por conflitos de terra, entre índios, pecuaristas, agricultores, posseiros e, mais antigamente exploradores de madeira nativa. Os alunos provêm de famílias com baixíssimo poder aquisitivo, muitos deles com a vivência anterior de casas desprovidas de instalações corriqueiras.



Figura 19 – Utilização de Materiais Locais, Fonte: itaconstrutora.com.br

Da escrita individual à coletiva, versando sobre a morada ideal, o processo evoluiu para a encenação, pelos alunos das dez casas hipotéticas que conceberam grupos. O corpo foi instrumento de representação especial e, assim, a gestualidade humana corroborou poeticamente os princípios da engenharia da madeira, de definição preliminar de uma malha quadrada estrutural de 5,90 metros, proveniente de peças de 12 metros, transportadas nas carretas que chegavam em Canuanã, vindas da fábrica da Ita Construtora, em São Paulo. Ou seja, frente à vastidão do território, não se buscavam os grandes vãos de madeira; a poética do projeto é a repetição dos pilares – elementos verticais que definem o construído e suas qualidades espaciais.



Figura 20 – Repetição dos Pilares como qualidades Espaciais, Fonte: itaconstrutora.com.br



Figura 21 – Convívio Coletivo como foco principal, com espaços livres e passarelas, Fonte: itaconstrutora.com.br

. Da casa ao convívio coletivo, também a praça foi tema das dinâmicas dos arquitetos com os estudantes, isso porque sob as grandes coberturas apoiadas, cada uma delas sobre 288 pilares, com seção de 15 centímetros, surgiram pátios ajardinados e um átrio de acesso. O que é a praça, para quem tem o campo irrestrito como referência? A arquitetura então assumiu a configuração de um extenso pavilhão aberto constituído pela cobertura de uma água (inclinada 5% em direção ao Rio Javaés, com ápice na face que abriga o átrio e as escadas de acesso às salas elevadas) pela densa malha dos pilares e pela presença de jardins quadrados com 25 metros de lado, circundados por blocos independentes (30x9 metros). Vedados com alvenaria de adobe produzida no local, estes pavilhões abrigam os dormitórios cinco quartos por bloco, com portas voltadas para o patio), no térreo. Sobre eles, ficam as áreas de uso coletivo, interligadas por passarelas.



Figura 22 – Grandes Beirais, e grande pé direito respeitando o clima do local, Fonte: itaconstrutora.com.br

.Os beirais são grandes, de 4 metros – resposta do projeto ao clima rigoroso – e o percurso pelo pavilhão alterna zonas de pé-direito elevado (que chegam a 8 metros de altura) àquelas interrompidas pelos dormitórios que, no entanto, são soltos da cobertura. Há também passarelas de acesso e interligação das salas suspensas, além de balcões que ultrapassam a projeção dos quartos.



Figura 23- Quarto para os Alunos, Fonte: itaconstrutora.com.br

#### 4.1.2.1 Contribuições para o projeto

O estudo contribuiu para o projeto proposto no que diz respeito à importância da valorização da cultura local e também para encontrar o partido do projeto.

Para a elaboração do projeto proposto foi estudado a história do local que é historicamente marcada por conflitos de terra, entre índios, pecuaristas, agricultores, posseiros e, mais antigamente, exploradores de madeira nativa. Os alunos vêm de famílias com baixíssimo poder aquisitivo, muitos deles com a vivência anterior de casas sem coisas básicas como saneamento básico.

Indagar essas crianças e jovens sobre o seu imaginário de habitação foi, portanto, o questionamento no início do processo, de par com a observação feita pelos contratantes de que, habitando a escola, faltava aos estudantes a percepção de onde terminava um e começava o outro.

### **4.1.3 Estudos de caso 3: Centro de Assistência The Bridge**

Centro de Assistência ao Sem Teto, modelo mundial de design de centros de desabrigados.

**Local:** Dallas, Estados Unidos

**Ano da construção:** maio de 2008

**Partido:** múltiplas características sustentáveis, modelo mundial de design de centros de desabrigados

**Área do terreno:** 75 000 m<sup>2</sup>

O Centro de Assistência para Sem-Teto "The Bridge", no centro de Dallas não é mais considerado apenas o portador padrão do design de centros de desabrigados nos Estados Unidos, mas agora é o modelo mundial de design de centros de desabrigados, desde que ganhou um prêmio no Concurso, organizado pela Fundação Tshwane de Liderança da África do Sul. A competição homenageia as instalações e iniciativas de desabrigados em todo o mundo que procuram desenvolver uma nova linguagem, novas visões e novas abordagens para abordar o sem-teto, desafiar a perpetuar mitos e percepções e demonstrar alternativas viáveis, tanto para o sem-teto como para o modo como o problema da falta de moradia é tratado.



Figura 24 – Fachada Principal do Albergue The Bridge, em Dallas, Fonte: Archdaily.com

The Bridge oferece um amplo leque de atendimento, incluindo habitação, emergência e cuidados de transição para mais de 6 mil pessoas em Dallas, que vivenciam nas ruas a longo prazo. Composto por cinco edifícios que criam um pátio no centro do campus e envolvem a comunidade circundante.



Figura 25 – Área de Convívio do Projeto The Bridge, Fonte: Archdaily.com

The Bridge incorpora um edifício de serviços de três andares, um edifício de boas-vindas de um ano, um prédio de armazenamento, um pavilhão aberto e instalações para refeições, que serve como ponto focal para o pátio interior paisagístico do campus e também como um imã alimentar que oferece aos trabalhadores sociais a oportunidade de se conectar com os sem-teto.



Figura 26 – Módulos Dormitórios para os moradores de rua, Fonte: Archdaily.com

#### 4.1.3.1 Contribuições para o projeto

O estudo do The Bridge proporcionou compreensão e confirmação da importância do design, da percepção ambiental e da influência que ela causa em seus usuários. Mostrou também a importância de projetos completos e integradores para um albergue e para os moradores de rua é claro, mas mostrando também a importância disso para a população que desde a sua abertura, a taxa de criminalidade local diminuiu mais de 20%.

## 4.2 Visitas técnicas

### 4.2.1 Visita Técnica 1: Associação Casarão da Mariquinha em Mogi das Cruzes, Sp

Trabalhos Sociais e Culturais para a pessoas em condição de rua.

**Local:** Rua Alfredo Cardoso 2 - Centro, Mogi das Cruzes, Sp.

**Ano da construção:** Não tem ano definido, Segundo proprietário no início do século 20

**Descrição:** Um patrimônio material que se une ao patrimônio imaterial, proporcionando aos seus frequentadores, toda riqueza artística e cultural, de ontem e de hoje.

A Associação Casarão da Mariquinha, é um espaço que promove projetos dedicados à cidade, sobretudo na preservação da memória cultural de Mogi das Cruzes, Sp. O espaço está localizado no centro da cidade. O nome do espaço é uma homenagem à Maria de Souza Mello, a Dona Mariquinha, mãe do proprietário do Casarão e um dos gestores do espaço, João Camargo.



Figura 27 – Fachada do Casarão da Mariquinha em Mogi das Cruzes, Fonte: a autora.

Na praça em frente, o gestor cultural do projeto, José Luiz o Rabicho, encontrou vários moradores de rua, vizinhos que para muitos eram indesejados. Em vez de desviar, como muitos fazem, Rabicho decidiu abrir as portas e começar a transformar vidas com música, leitura e outras atividades.



Figura 28 – Praça Largo Bom Jesus que fica em frente ao Casarão da Mariquinha, onde tem grande concentração de moradores de rua, Fonte: a autora.

Um casarão com 13 salas à disposição do público, para oficinas culturais, projeção de vídeo, acervo fotográfico e artístico, biblioteca, sala de música e oficinas. Projetos e palestras nos vários segmentos: literatura, música, memória, patrimônio histórico. O Casarão da Mariquinha é independente.



Figura 29 – Quintal do Casarão da Mariquinha onde acontece eventos e cursos, Fonte: a autora.

Não recebe apoio financeiro de nenhuma esfera do governo. Hoje os moradores de rua que se interessam aprendem a tocar instrumentos, têm acesso aos livros do espaço e até colaboram de diversas formas com as atividades: cobram na bilheteria e fazem serviços de manutenção e limpeza porque querem manter o espaço bem cuidado.

O projeto tem importância significativa para a cidade e região, a contribuir com o acervo e memória de um povo que acredita que sua história pode e deve ser contada às futuras gerações.



Figura 30 – Sala da Música dentro do Casarão da Mariquinha, Fonte: a autora.



Figura 31 – Poemas expostos depois de um dia de Sarau que aconteceu no Casarão da Maquinha, Fonte: a autora.



Figura 32 – Arte feita por moradores de rua nas paredes internas do Casarão, Fonte: a autora.

O grupo Gestor da Associação Casarão da Mariquinha, é composto por 25 membros, que atuam de forma voluntária, sendo em sua maioria, jovens, estes em diversas áreas de atuação. A associação não dispõe de recursos públicos, ou privados, e se mantém graças à contribuição espontânea de seus membros, e público que frequenta o espaço.



Figura 33 – Casarão visto da esquina, Fonte: a autora.

#### **4.2.1.1 Contribuições para o projeto**

A visita contribuiu para o projeto proposto no que diz respeito ao seu público e a importância cultural na vida das pessoas e essa confiança que os colaboradores da casa depositam nelas, dando algum sentido e trabalhando a auto estima destes que até então mostram-se abandonados pela sociedade.

O local prioriza sempre eventos culturais nos mais diversos segmentos trazendo o convívio saudável aos moradores de rua. Além disso, visa o convívio e a reintegração social, por meio de ambientes adequados, como salas de música, biblioteca, feiras, saraus, yoga entre outros, sempre norteados pelos princípios da integração, indispensável a projetos voltados a esse público.

Desta forma, parte do projeto foi elaborado e desenvolvido à luz das observações, análises e considerações feitas nesta visita.

#### 4.2.2 Visita Técnica 2: CEAC – Centro Espírita Amor e Caridade

Casa de Passagem, apolítica e sem fins lucrativos.

**Local:** Rua Inconfidência 7-18 Vila Vergueiro, Bauru, SP.

**Ano da construção:** 2008/2009

**Descrição:** Casa de Passagem que oferece primeiras necessidades a moradores de rua e encaminham cada caso para tratamento específico.

É um dos núcleos de Promoção Social do Centro Espírita Amor e Caridade, com sede e foro na cidade de Bauru.

Oferecem acolhimento imediato e emergencial que garanta condições de estadia, convívio e endereço de referência a quaisquer indivíduos ou famílias que encontram-se em situação de rua. Contam com profissionais preparados para receber os usuários em qualquer horário, 24h, enquanto se realiza um estudo diagnóstico detalhado de cada situação para os encaminhamentos necessários.



Figura 34 – Fachada Principal do CEAC, Fonte: a autora.



Figura 35 – Recepção e Atendimento do CEAC, Fonte: a autora.



Figura 36- Refeitório do CEAC, Fonte: a autora.

O CEAC tem como finalidade manter, de forma permanente, serviços e programas gratuitos, de natureza educacional, cultural e assistencial, visando principalmente a promoção humana, sem qualquer distinção ou discriminação de sexo, cor ou raça, credo político ou religioso e nacionalidade.

Trabalham com objetivo de modo a promover a construção do seu processo de saída das ruas, trabalhando com a autonomia de cada um, entre os trabalhos específicos:

- Acolher de forma qualificada e personalizada a pessoa ou grupo familiar em situação de rua, promovendo a construção conjunta do seu processo de saída das ruas, com dignidade e respeito a sua vontade e nível de autonomia;
- Oferecer ambiente favorável com instalações físicas seguras e aconchegantes com padrões arquitetônicos e estrutura para acolher pessoas do mesmo sexo;
- Desenvolver condições para a independência e o autocuidado;
- Preparar os usuários para o alcance da auto-sustentação;
- Promover o restabelecimento de vínculos comunitários, familiares e/ou sociais;
- Articular a rede de serviços e demais políticas públicas setoriais;
- Promover acesso à rede de qualificação e requalificação profissional com vistas à inclusão produtiva;
- Estimular o surgimento e o desenvolvimento de aptidões, capacidades e oportunidades para que os indivíduos façam escolhas com autonomia;

- Proporcionar o acesso a programações culturais de lazer e esportes e ocupacionais internas e externas, relacionando-as a interesses, vivência, desejos e possibilidades do usuário;
- Proteger os usuários, preservando suas condições de autonomia e independência;



Figura 37- Area de Convívio e de Dinâmicas em grupo, Fonte: a autora.



Figura 38- Lavanderia do CEAC, Fonte: a autora.

A casa tem vários profissionais entre eles 1 coordenador, 2 assistentes sociais, 1 psicóloga, 1 terapeuta ocupacional, 1 auxiliar administrativo, 10 cuidadores monitores sociais, 5 auxiliares de cuidador, 2 cozinheiras, 1 auxiliar de cozinha, 1 motorista.



Figura 39- Cozinha do CEAC,  
Fonte: a autora.



Figura 40 – Alojamento  
Feminino com Berço para mães  
com bebês, Fonte: a autora.

#### 4.2.2.1 Contribuições para o projeto

A visita contribuiu para entender a dinâmica e o programa de necessidades para uma Casa de Passagem, contribuiu também para um trabalho mais profundo de metodologia Científica que pude entrevistar e conversar com os usuários, entendendo

ainda mais de perto as reais histórias e necessidades dessas pessoas.

#### **4.2.3 Visita Técnica 3: Comunidade Bom Pastor Terapêutica Feminina**

Centro de tratamento químico para mulheres.

**Local:** R: José Pereira Guedes, 2-18 – Parque Paulista, Bauru – SP.

**Descrição:** Casa de acolhimento com tratamentos específicos para ajudar mulheres que desejam parar com as drogas.

**Ano da inauguração:** 1987

É na Comunidade Terapêutica Feminina que mulheres que desenvolveram a Síndrome de Dependência de Substâncias Psicoativas têm a oportunidade de novamente se tornarem donas de si mesmas, de recuperar a sua própria vida até então entregue ao mundo das drogas.

Através de um tratamento baseado no estudo e reflexão dos 12 Passos da Pastoral da Sobriedade, acompanhados de tratamento psicológico atendimento medico/psiquiátrico, assistência social, grupos terapêuticos buscam a mudança do modo como a vida deve ser encarada e compreendida, mudando assim a maneira de pensar e agir.



Figura 41 – Fachada da Casa Terapêutica Feminina Bom Pastor, Fonte: a autora.

O local conta com diversas atividades ao longo do dia visando trabalhar o lado psicológico, emocional, físico, social e até o espiritual para o caminho da recuperação do indivíduo com sucesso.



Figura 42 – Area de Convívio Social, onde ocorre reuniões e diversas atividades, Fonte cbompastor.com.



Figura 43 – Area de Convívio Coberta, usada como área de terapia e leitura, Fonte cbompastor.com.



Figura 44- Sala de Estar da Casa, usada para momentos de lazer, de reuniões e terapias, Fonte cbompastor.com.

O programa de necessidades é bem simples sendo que a comunidade mora em uma residência, com 3 quartos, 1 cozinha grande, 2 banheiros, sala, área externa, e além dos poucos funcionários as mulheres que lá estão em tratamento também fazem parte das atividades da casa.



Figura 45- Cozinha da Casa, onde ocorre participação das mulheres que estão internadas, Fonte cbompastor.com.

#### 4.2.3.1 Contribuições para o projeto

A visita contribuiu para o projeto proposto no que diz respeito a estadia de pessoas por mais tempo que uma casa de passagem, no que diz respeito ao convívio social e para entender também a etapa que vem após o encaminhamento que os albergues ou casas de passagem dão a algumas pessoas.

A casa mesmo que simples é uma casa grande, que bem organizada mostra que é possível adequar e fazer a diferença para pessoas que precisam.

Além do programa de necessidades tive como contribuição para o projeto o entendimento de pelo menos uma porcentagem das pessoas que se encontram em condição de rua, sentem a necessidade de mudar o foco da vida e muitas vezes até se recuperarem por completo, seja o problema que for.

Desta maneira, a casa da Comunidade Bom Pastor teve grande influência no projeto proposto, com destaque para o convívio social.

## 5 PROGRAMA DE NECESSIDADES E FLUXOGRAMA

### 5.1 Programa de necessidades

O programa de necessidades foi elaborado após serem realizados os estudos de casos e as visitas técnicas, onde foi possível conhecer e entender, previamente, o funcionamento e as necessidades dos ambientes voltados a pessoas com vulnerabilidade social.

Itens como áreas de convivio, circulação e dimensões mínimas foram determinantes para o desenvolvimento do programa. Por isso, para o dimensionamento mínimo dos ambientes, foram utilizados o Código Sanitário do Estado de São Paulo, a NBR 9050 e com o livro Neufert, Arte de Expressar Arquitetura, resultando em um programa de necessidades (Figs. 69, 70, 71) contendo, para cada ambiente, referências mínimas de:

- Áreas (m<sup>2</sup>);
- Números de usuários;
- Equipamentos

**PROGRAMA DE NECESSIDADES ALBERGUE INTEGRADOR DE TAUBATÉ  
ETAPA I**

<b>Ambientes</b>	<b>M<sup>2</sup></b>	<b>Equipamentos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Usuários</b>
<b><i>Administrativo</i></b>				
Recepção	36,64	8 sofás de 3 lugares, 1 balcão	Espaço para Cadastro	25
Cadastro	1,35	1 balcão, 1 cadeira	Cadastro e Apoio Legal	1
Banheiro Masculino	5	1 vaso sanitário, 1 pia	Higiene Pessoal	1
Banheiro Feminino	4,88	1 vaso sanitário, 1 pia	Higiene Pessoal	1
Copa Funcionários	5,99	1 mesa com 4 lugares, 1 fogão, 1 geladeira, 1 pia, 1 microondas	Refeições e Descanso	4
Administração	4,44	1 mesa, 1 cadeira, 1 arquivo	Administração do Albergue	1
Sala Coordenação	5	1 mesa, 3 cadeiras, 1 armário	Sala da Coordenadora do Albergue	3
Sala Psicóloga	5	1 mesa, 3 cadeiras, 1 armário	Apoio Psicológico	3
Enfermaria	4,43	2 cadeiras, 1 pia, 1 maca, 1 mesa de manipulação, 1 mesa apoio.	Atendimento Ambulatorial	2
Lavanderia	6,30	4 lavadoras secadoras, 2 tanques.	Lavar Roupas e Higienizar	6
Dispensa	2,02		Guardar Alimentos	
Depósito de Lixo		5 latões na parte externa	Depósito de Lixos Separados	
Depósito	4		Guardar Objetos do Albergue	
Sala de Estar	7,74	1 sofá de 3 lugares, 2 poltronas de 1 lugar, 1 mesa de centro	Sala de descanso para funcionários	5
Vestiário Masculino Padaria Funcionários	2,14	1 armário roupeiro de aço 16 portas	Vestiário e guarda volume	
Banheiro Masculino Padaria Funcionários	2,55	1 vaso sanitário para deficiente, 1 pia	Higiene Pessoal	1

Vestiário Feminino Padaria Funcionários	2,33	1 armário roupeiro de aço de 16 portas	Vestiário e guarda volume	
Banheiro Feminino Padaria Funcionários	2,46	1 vaso sanitário para deficiente, 1 pia	Higiene Pessoal	1
<b>Áreas de Convívio</b>				
Cozinha	53,03	1 pia para lavagem de alimentos, 1 pia para lavagem de utensílios, 1 pia para auxílio, 2 balcões, 1 mesa prateleira, 2 fogões industriais, 1 forno industrial, 2 mesas para preparo de bebidas, 1 monta carga com 2 compartimentos.	Cocção e Preparo	45
Cozinha/Padaria	51,20	1 pia para preparação de lanches, 2 fornos de pão, 1 balcão de apoio, 1 fogão industrial com chapa, 1 forno industrial para confeitaria, 2 fogões industriais com chapa para confeitaria, 1 balcão de apoio para confeitaria, 1 pia para lavagem de utensílios e 1 balcao de apoio, 2 pias para lavem de alimentos e 2 balcões de apoio, 1 montacarga com 2 compartimentos.	Cocção, Preparo e Oficinas	10
Refeitório	78,51	6 mesas com 8 cadeiras em cada mesa	Alimentação	48
Corredores	343,57			
Escadas	55,41			
Elevadores	4,97			
Banheiro Vestiário Comunitário Masculino	28,66	4 vasos sanitários, 4 pias, 4 chuveiros, 2 mictórios	Higiene Pessoal	8
Banheiro Vestiário Comunitário Feminino	28,66	4 vasos sanitários, 4 pias, 4 chuveiros	Higiene Pessoal	8
Banheiro Vestiário Masculino	17,34	2 vasos sanitários, 2 chuveiros, 2 pias, 2 mictórios	Higiene Pessoal	20
Banheiro Vestiário Feminino		2 vasos sanitários, 2 chuveiros,	Higiene Pessoal	15

2 pias

Banheiro Masculino Padaria	5,25	2 pias, 2 vasos sanitários sendo que um é para deficiente	Higiene Pessoal	
Banheiro Feminino Padaria	6,85	2 pias, e vasos sanitários sendo que um é para deficiente	Higiene Pessoal	
Área Livre	999,33			
Sala Multiuso	29,60	4 sofás de 3 lugares, 6 poltronas de 1 lugar, 1 mesa de centro.	Local para várias utilizações como cursos e exposições	18
Biblioteca	29,60	4 mesas de leitura com 6 lugares cada, 4 estantes de canto para livros, 1 estante de livros	Leitura e Estudos	24
<b>Habitação</b>				
Quarto Masculino	157,11	20 módulos dormitórios contendo uma cama de solteiro e 1 armário em cada módulo	Estadia dos Acolhidos	20
Quarto Feminino	137,18	15 módulos dormitórios contendo uma cama de solteiro e 1 armário em cada, 2 berços com rodinhas podendo ser colocados dentro dos módulos	Estadia das Acolhidas e Bebês	17
Apartamento Familiar	16,93	2 beliches, 4 armarios	Estadia de famílias e Adolescentes	4
<b>Área Externa</b>				
Canil	42,55	3 canils com quarto coberto	Estadia de animais	
Guarda Carrinhos de Reciclagem	19,03		Garagem coberta para guardar carrinhos de reciclagem	

**TOTAL****2249,60 m2**



### 5.3 Organograma

Foi criado também um organograma, um gráfico que facilita a compreensão da estrutura formal da organização do programa, e do propósito organizacional.

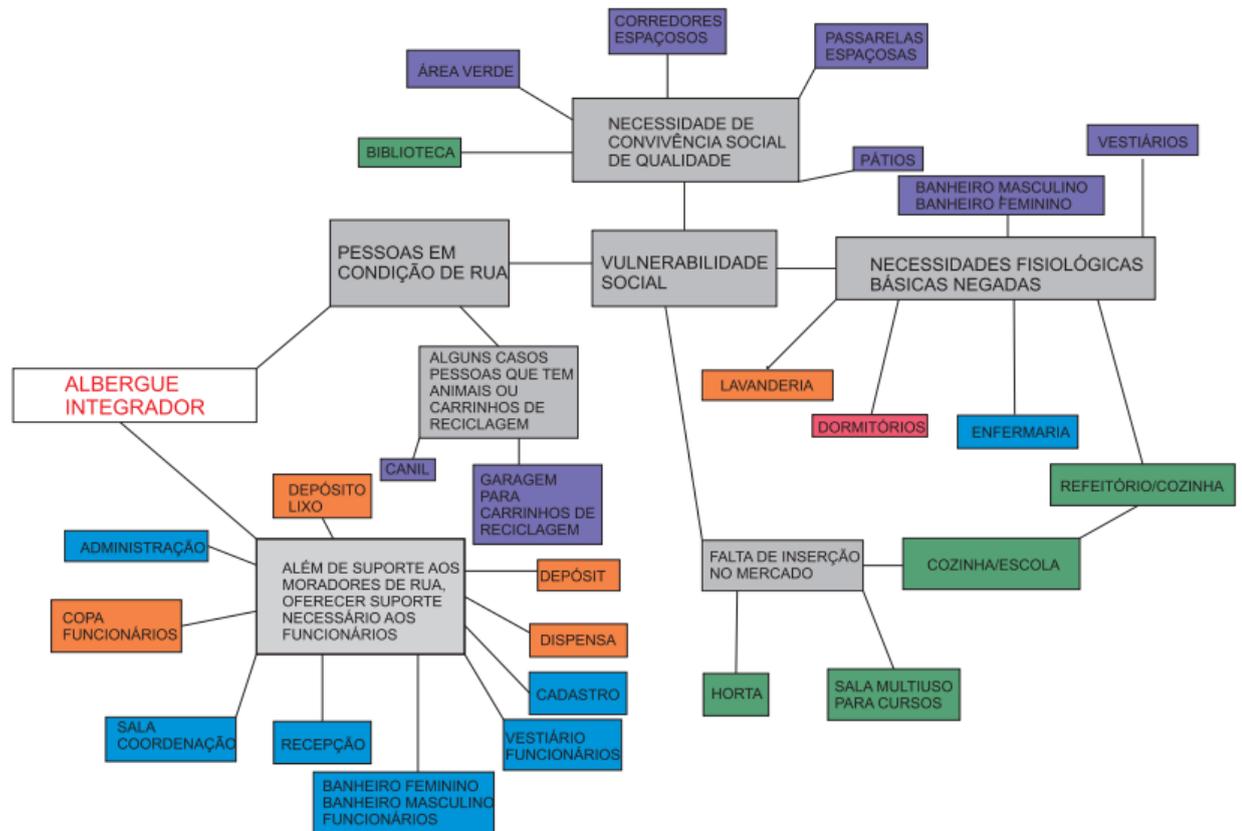


Figura 48 - Organograma

## 7 PROJETO

Assim, considerando todas as pesquisas e estudos formais, obteve-se a forma final do projeto para as pessoas em condições de rua, ressaltando a importância da reintegração social do usuário para seu bem estar físico e emocional.

O conceito do projeto tem como base a idéia de uma construção convidativa com vãos livres e espaços abertos e fechados que se integram, a qual conecta de uma forma natural todos os usuários, de modo a promover uma maior interação e tendo como partido a sensação de estarem seguros sem estarem presos.

Como já vimos nos estudos e pesquisas realizadas no início do trabalho percebemos que os moradores de rua buscam de certa forma uma Liberdade nas ruas mesmo estando vulneráveis, buscam por esse espaço libertário e se negam muitas vezes de estarem em albergues por se sentirem em um ambiente intensamente disciplinar.

Então o projeto traz esse jogo de espaços fechados e vazios para um maior conforto e que faça com que os usuários se sintam mais à vontade.

Sobre a volumetria projectual, a concepção adotada é de fazer o edifício destoar do local onde será inserido.

### 7.1 IMPLANTAÇÃO

Com o terreno com construções apenas na parte dianteira, a idéia primeiramente foi elevar a construção deixando sobre vãos livres, tornando não só o espaço para a área construída, mas como de passagem para pedestres, como uma mistura de rua e praça.

Então uma passagem passa pelo vão livre abaixo do albergue e na região central uma praça seca, com um espelho d'água para um melhor controle de temperatura. No chão foram colocados bloquetes que absorvem melhor as águas das chuvas e é possível também colocar vegetação, deixando o ambiente mais bonito e menos quente.

Além do albergue no terreno ao fundo, encontramos também a construção de um canil, uma garagem para guardar carinho de coleta seletiva e um banheiro vestiário para aqueles que não forem internos do albergue também terem a oportunidade de uma higiene básica.

### **7.1.1 DESCRIÇÃO DO TÉRREO**

Primeiramente o projeto tinha como idéia ter toda a parte térrea em vãos livres, mas como teremos uma confeitaria aberto ao público, e também pensando no acesso dos moradores de rua até o albergue, ficou evidente que partes deveria mesmo ficar no térreo como a confeitaria e a área administrativa. Vemos uma grande praça aberta, criando assim um local de passagem e de acesso para todos os tipo de pessoas.

Do lado direito temos uma entrada para a padaria que além de aberta ao público ela também faz parte do projeto integrador aos moradores de rua, que fazem cursos e especializações dentro da confeitaria. Ao centro do projeto temos a entrada cadastral e administrativa para os moradores de rua terem acesso ao albergue.

Na padaria temos um ambiente aberto além da parte fechada para quem for utilizar, uma cozinha industrial que dispõe de todos os equipamentos necessários para o funcionamento da padaria, camera fria e dispensa com uma entrada exclusiva de fornecedores e uma escada que só quem esta utilizando o albergue consegue acessar a padaria para os momentos de cursos.

Na área administrativa entramos e vemos uma grande sala de espera com cadastro, para depois ter acesso a outros lugares burocráticos mas necessários, como sala de coordenação, psicóloga e até uma enfermaria.

Ainda na parte administrativa encontramos uma sala da administração, banheiros e copa para os funcionários, a administração possui uma entrada independente da entrada principal do albergue, respeitando as normas de Vigilância Sanitária e limitando o acesso dos usuários na área administrativa, e a partir dessa passagem a essa área administrativa que os usuários tem acesso ao piso superior que de fato é a área de convivência dos moradores de rua.

E ao lado esquerdo do projeto vemos o vão livre que serve como passagem e integração social.

### **7.1.2 MAQUETE**

Foi feita como estudo preliminar do projeto, uma maquete na escala 1:200 com a possibilidade de retirada dos pavimentos para uma melhor compreensão do albergue.

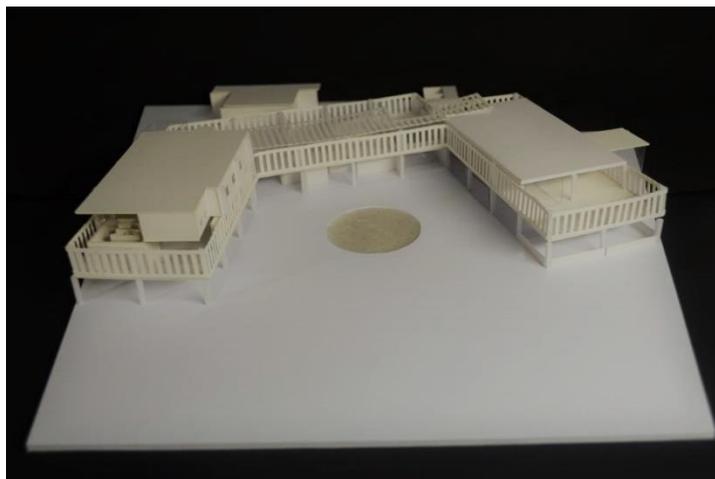


Figura 49 – Maquete



Figura 50 – Maquete Fachada

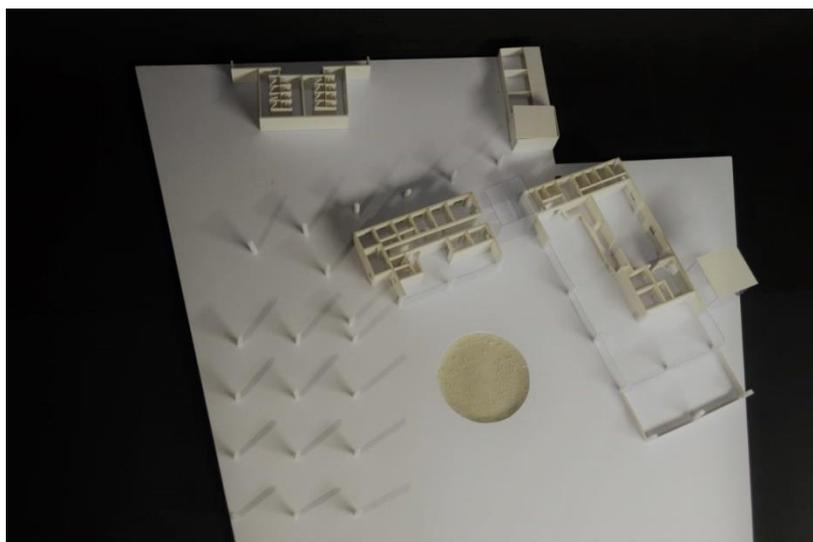


Figura 51 – Maquete Pavimento Térreo

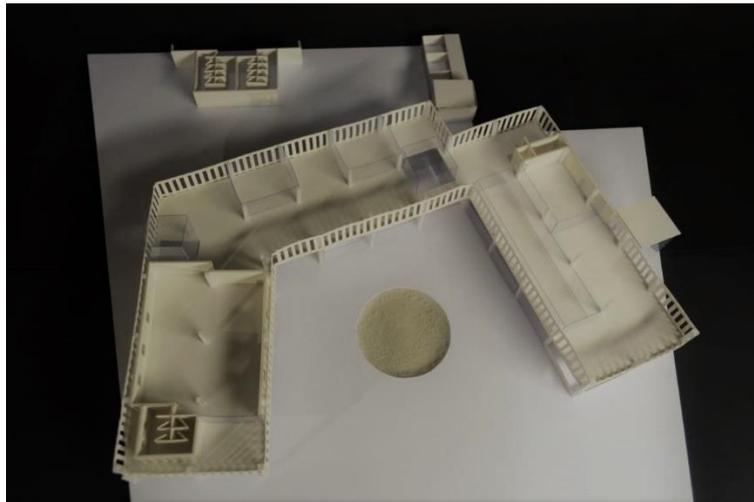


Figura 52 – Maquete Primeiro Pavimento

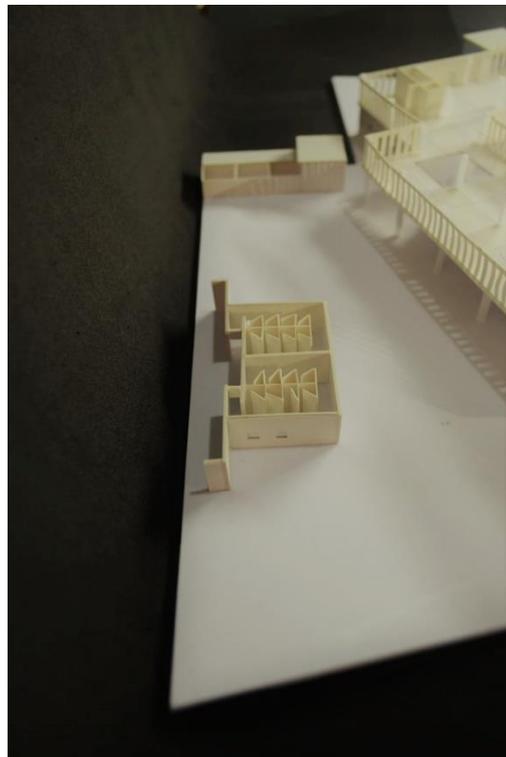


Figura 53 – Maquete Detalhe do Fundo do Terreno

Planta situação figura 54

Figura 54 – Planta de Situação

Figura 55 – Planta de Implantação

PLANTAS DE SETORIZAÇÃO

Planta de setorização 56

Planta terreo

Figura 57 – Planta Térreo

## 7.2 PRIMEIRO PAVIMENTO

Logo que o usuário chega ao pavimento superior seja por escada ou elevador, ele encontra um ambiente acolhedor com área de convivência, áreas livres, bancos de praças, verde, uma pequena biblioteca e uma sala multiuso que em momentos que não está acontecendo cursos serve de sala de estar.

Seguindo para a direita temos o refeitório com acomodações para todos os usuários e uma pequena lavanderia , sendo uma cozinha industrial também.

E ao lado esquerdo do projeto temos o alojamento masculino com módulos dormitórios, com banheiro e vestiário e o acesso ao alojamento feminino e ao apartamento unifamiliar por meio de escada ou elevador para deficientes ou idosos.

Planta primeiro pavimento

Figura 58 – Planta Primeiro Pavimento

### **7.3 SEGUNDO PAVIMENTO**

O Segundo pavimento só encontramos o alojamento feminino com módulos dormitórios, berços, banheiro e vestiário, e também encontramos o apartamento familiar, ou para o caso de entrada de adolescentes no albergue, pois eles devem ficar separados dos adultos.

Planta Segundo pavimento

Figura 59 – Planta Segundo Pavimento

## 7.4 CORTES E FACHADAS

Em seguida temos dois cortes um AA e outra BB e também uma fachada para melhor compreensão das elevações do projeto.

Corte aa

Corte bb

FACHADA

Figura 60 – Fachada e Cortes AA e BB

## 7.5 MAQUETE ELETRÔNICA

Agora temos mais um estudo prévio em 3D, mostrando várias partes do projeto pronto.



Figura 61 – Projeto Inserido na Malha Urbana



Figura 62 – Fachada Mostrando o Lado da Padaria



Figura 63 – Detalhe do vão livre



Figura 64 – Detalhe do vão livre



Figura 65 – Área de Convivência no Primeiro Pavimento



Figura 66 – Área de Convivência no Primeiro Pavimento Detalhe da Biblioteca em Vidro



Figura 67 – Brises fixos e pergolado dando efeito de estar seguro sem esta preso

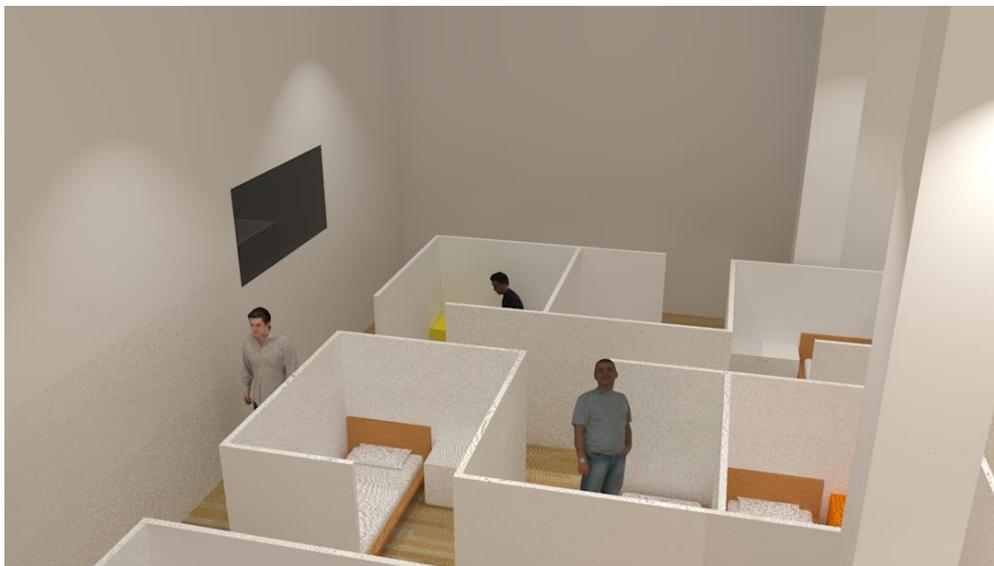


Figura 68 – Dormitório Masculino com os Módulos Dórmitórios



Figura 69 –Módulos Dórmitórios Vistos de Cima

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou desenvolver um estudo detalhado sobre as necessidades das pessoas que se encontram em situação de rua, por meio de pesquisas, observações e estudos, os quais foram de extrema importância para a perfeita compreensão da situação deles no Brasil. Os estudos visaram conhecer as principais carências físicas e emocionais dos mesmos, a fim de supri-las com um projeto acessível, justo e integrador .

Assim, o projeto do Albergue Integrador tem o intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores, a fim de reintegrá-los na sociedade.

Ao longo das pesquisas, foi constatado, que o número de moradores de rua, no Brasil, cresce a cada dia devido a falta de estrutura e organização política e social, porém é preciso buscar soluções para os problemas gerados com crescimento desse lado da população.

Pode-se perceber, por meio das pesquisas, a importância de se promover uma conscientização com relação à aplicação dos princípios da ressocialização dessas pessoas, proporcionando-lhes mais segurança, autonomia e autoconfiança.

Portanto, este trabalho vem contribuir para uma reflexão a respeito do modo como a sociedade e as autoridades vêm tratando essas pessoas que de certa forma estão esquecidas pelas ruas, assim como confirmar a importância que a arquitetura tem na construção da realidade desses indivíduos, já que entende-se que mesmo na fase adulta as pessoas elaboraram as estruturas mentais com que o sujeito organize a sua realidade.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. (2008). O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense.

ALVIM, M. B. (2006). A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: Uma visão crítica fundamentada na Gestalt-terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 122-130.

ARENDT, H. (1999). A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BASTOS, A. V. B., Pinho, A. P. M. & Costa, C. A. (1995). Significado do trabalho: Um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(6), 20-29.

BORGES, Z. (2007). O significado do trabalho. Uma reflexão sobre a institucionalização do trabalho na empresa integrada e flexível. *eGesta*, 3(1), 121-143.

CODA, R., & Fonseca, G. F. (2004). Em busca do significado do trabalho: Relato de um estudo qualitativo entre executivos. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios– FECAP*, 14, 7-18.

FERREIRA, F. P. M. (2005). População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de Belo Horizonte 1998- 2005. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado em 30 de junho de 2011, de: [http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2006/D06A096.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A096.pdf)

FRANÇA, A. C. L. & Rodrigues, A. L. (1997). Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas.

GONZALES REY, F. L. (2002). Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

GUARESCHI, P. A. (2001). Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social (pp. 141-156). Petrópolis: Vozes.

JACQUES, M. G. C. (1996). Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In A. Tamayo, J. E. Borges-Andrade & W. Codo (Orgs.), Trabalho, organizações e cultura, 11, 21-26.

JACQUES, M. G. (2007). Doença dos nervos: Uma expressão da relação entre saúde/doença mental. In M. G. Jacques & W. Codo (Orgs.), Saúde mental & trabalho: Leituras (pp. 98-111). Petrópolis: Vozes.

LIMA, M. E. A. L. (2007). Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In M. G. Jacques & W. Codo (Orgs.), Saúde mental & trabalho: Leituras (pp. 50-81). Petrópolis: Vozes.

MATTOS, R. M. & Ferreira, R. F. (2004). Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. Psicologia & Sociedade, 16(2), 47-58.

MENDONÇA, G. C. (2006). Sentidos subjetivos de moradores de rua frente ao futuro. Tese de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

MINAYO, M. C. S. (2008). O desafio do conhecimento: Pesquisa

qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.

SNOW, D., & Anderson, L. (1998). Desafortunados: Um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes.

VARANDA, W. & Adorno, R. C. F. (2004). Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. Saúde e Sociedade, 13(1), 56-69.

WEBER, M. (1999). A Ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira.

NOVAIS, Fernando A.(Org.), SEVCENKO, Nicolau (1997). História da Vida Privada no Brasil.

OKAMOTO,Jun (2002). Percepção Ambiental e Comportamento.

TUAN, Wi Fu (1977). Espaço e Lugar.

HELLER, Eva (2012). A Psicologia das Cores.

VERISSIMO, Chico, BITTAR, William Chico (2007). Arquitetura no Brasil.

VERISSIMO, Chico, BITTAR, William Chico (1999). 500 anos da Casa no Brasil.